CULTURA POPULAR E CARATER NACIONAL

Ensaios - 7

Frederico José Bergamo de Andrade

Ensaios
(7)

CULTURA POPULAR
E
CARÁTER NACIONAL

Um olhar de relance

Cel Art Frederico José Bergamo de Andrade

Editora Revista Aeronáutica
Rio de Janeiro
2012

PREÂMBULO

ENSAIOS SOBRE O PENSAMENTO BRASILEIRO

O objetivo desta série de ensaios é entender e preservar o ser brasileiro e a nossa nação.

Elaboramos uma síntese sobre o Pensamento Brasileiro com objetivo de entendê-lo, bem como de iluminar a base do conteúdo dos ensaios.

Expressar a essência do pensamento brasileiro não é, certamente, uma tarefa simples, mas a presente tentativa tem por objetivo servir como uma aproximação ao tema, como um meio para facilitar e estimular seu aprofundamento.

Em poucas linhas, é possível dizer que o pensamento brasileiro nasce, propriamente, no século XVIII, com as ideias do Marquês de Pombal, que procurava transformar o chamado "saber de salvação", no ensino da Universidade de Coimbra, em um saber, de fato, científico. Estes primeiros parâmetros acabaram por orientar o desenvolvimento das instruções estratégicas do "Novo Mundo".

Outro aspecto relevante a ser destacado foi o encontro de culturas em nosso território. Chegando nestas terras, o conquistador português já encontrou os indígenas, incorporando ao território, logo depois, o trabalho escravo do negro africano. As peculiaridades de cada uma dessas etnias, somadas, gerou uma verdadeira "miscigenação cultural", que hoje perfaz concretamente a nossa cultura.

Além dessa experiência singular e bela da miscigenação, dois fatores muito importantes alicerçaram as bases da nascente civilização: o primeiro foi a determinação de se manter um território indiviso e o segundo foi a necessidade de se preservar a unidade da língua trazida pelo colonizador.

A partir da Escola do Recife (século XIX), inicia-se, com Tobias Barreto, uma corrente filosófica nitidamente brasileira, o "Culturalismo". Essa corrente sugere que o homem através das potencialidades da cultura viabilize a necessária integração com o mundo científico. Tal pensamento permeou a construção do pensamento brasileiro unindo matizes do positivismo, do liberalismo e do idealismo kantiano ao âmbito da moralidade, alicerçada, por sua vez, a partir de fundamentos oriundos do Cristianismo. Dessa interrelação de correntes nasceu o pensamento filosófico brasileiro.

Tal pensamento perpassa, na História do Brasil, o Império, a República, a Guerra do Paraguai, o Estado Novo, a Segunda Guerra Mundial, A Semana de Arte Moderna e tantos outros momentos históricos marcados pela superação de conflitos. Essa superação delineou, também, a formação do espírito do brasileiro tão bem sintetizado por Cassiano Ricardo como sendo o espírito do "homem cordial".

O pensamento nacional é, em suma, erigido pelo seu valor universal. Nisto reside sua força e sua presença junto aos outros povos. Assim sendo, a alma cordial de nosso povo tem sido, no transcurso do tem-

po, um exemplo de diplomacia, tolerância e entendimento para todas as culturas, os credos e os povos.

Estudar o pensamento brasileiro nos permite tomar consciência, gradativamente, do que é, de fato, "ser brasileiro", além de nos estimular a preservar a cultura e os valores nacionais, partes singulares da nossa brasilidade daquilo que nos constitui como nação.

Araken Hipólito da Costa – Cel Av
Diretor do Departamento Cultural

Ilustração e Capa
Araken Hipolito da Costa

Coordenação Editorial
Araken Hipolito da Costa

Produção Gráfica
Luiz Ludgerio Pereira da Silva

Digitação
Gabriela da Hora Rangel

Impressão
Abegraph Gráfica e Editora Ltda

Revisão
Marcia Helena Mendes dos Santos

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca do Instituto Histórico-Cultural da Aeronáutica

AGRADECIMENTOS

Ao Ten Brig Ar Ivan Moacyr da Frota, Presidente do Clube de Aeronáutica, e Cel Av Luis Mauro Ferreira Gomes, seu 2º Vice-Presidente pelo estimulo aos trabalhos do Grupo de Estudo e a realização deste Ensaio

SUMÁRIO

Apresentação 13
Introdução..... 15
Arquipelago Cultural 21
Lingua 25
Cultura Popular 31
Considerações Gerais 45
Globalização 55
Midia 61
Epílogo..... 67
Bibliografia 73

APRESENTAÇÃO

Natural de Natal, no Rio Grande do Norte, o Cel Art Frederico José Bergamo de Andrade ingressou em 1955 na Academia Militar das Agulhas Negras e permaneceu no serviço ativo por 40 anos.

Revelando interesse pela área cultural, veio a ocupar funções relacionadas a ela, tais como:

- Presidente da Comissão de Implantação do Museu Militar do Forte do Brum (Recife – PE);

- Representante do Exército no Parque Nacional dos Guararapes (Recife – PE);

e, já na reserva:

- Assessor do Superintendente da SUDENE (Recife-PE).

A Assembleia Legislativa do Estado de Pernambuco concedeu-lhe voto de aplauso por seus artigos publicados no "Jornal do Commercio do Recife", versando sobre cultura popular pernambucana.

O renomado compositor popular pernambucano, João Santiago do Reis, já falecido, dedicou-lhe dois frevos: "Fred Bergamo é Assim" e "Fred Bergamo voltou".

Desde 2006, integra o Grupo de Estudos do CAER, sendo uns dos membros fundadores. Contribui com diversos artigos na nossa Revista Aeronáutica e nesse ensaio apresenta questões importantes e fundamentais para entender a cultura popular e o caráter nacional.

Araken Hipolito da Costa

Cel Aviador -Diretor do Departamento Cultural

Rio, outubro de 2012

INTRODUÇÃO

Tema de grande amplitude e complexidade. As ideias e conceitos nele desenvolvidos são resultantes de um trabalho de compilação e, ainda, de reflexões, de alguém que, embora não seja possuidor, a respeito, de maiores qualificações acadêmicas, vem se dedicando há muito tempo ao estudo da cultura popular brasileira. Sou de origem pernambucana e peço desculpas ao leitor que considere este tema carregado de forte sotaque nordestino. É porque em algumas das regiões mais pobres do nordeste é onde vamos encontrar muitas das mais ricas manifestações de nossa cultura popular. Por sua vasta abrangência, este tema mereceria o espaço de um volumoso livro para a sua melhor exposição. Abreviá-lo, ajustando-o a condição de um simples ensaio, obriga o seu autor a se esforçar para oferecer ao leitor uma atraente e sintética, porém parcial, abordagem conceitual de cada um dos assuntos. Assuntos que estão longe de serem esgotados e que, por si só, cada um deles poderia se constituir em um novo ensaio.

Vivemos um tempo em que uma doutrina de viés

militar, rotulada de quarta geração, vem sendo aplicada em proporções cada vez maiores por força do progresso tecnológico nos conflitos entre nações. Nela são preconizadas ações psicológicas que visam interferir no campo psicossocial do país-alvo, diminuindo a autoestima do seu povo, reduzindo ao mínimo o seu espírito de coesão.

Daí resulta a importância do fortalecimento de uma cultura do tipo de "pertencimento" de orgulho pátrio, que se sobreponha a toda diversidade cultural de caráter regionalista, e, também, aos efeitos, neste sentido, considerados perversos da globalização.

Assim sendo, tão importante para um país quanto manter as suas fronteiras físicas invioláveis seria a preservação de um espaço cultural onde estariam armazenados os seus mais caros valores, símbolos, usos, costumes e, principalmente, o acervo criativo construído ao curso do seu processo histórico.

A consciência nacional tem como suporte a sua cultura. A popular brasileira, objeto deste estudo, possui como uma de suas características a abertura à miscigenação pela via étnica, em processo contínuo até os dias de hoje, o que a torna mais flexível e dinâmica, além de importante fator de coesão social.

Existem autores que consideram ser indispensável para o entendimento de como se formou a alma brasileira o concurso de profissionais da área de demopsicologia, principalmente da linha junguiana que nos remete aos arquétipos, ou seja, aquelas imagens psíquicas que povoam o inconsciente coletivo. Poderíamos subtender, julgo, que, de certa forma, tais autores desqualificam estudos ou ensaios que não tenham sido

contemplados por aquele tipo de contribuição. Ressalte-se, entretanto, que na França, desde 1946, publica-se trimestralmente a *Revue de Psychologie des Peuples* (Revista de Psicologia dos Povos), depois intitulada de *Ethnopsychologie* (Etnopsicologia).

Certo é que vários e importantes estudos visando interpretar a alma brasileira foram realizados tendo como suporte a antropologia social que segundo a definição do "Aurélio" é "o ramo da antropologia que trata das características socioculturais da humanidade (costumes, crenças, comportamentos, organização social) e que se relaciona, portanto, com várias outras ciências, tais como etnologia, arqueologia, linguística, sociologia, economia, história, geografia humana".

Consta do livro "Cultura, um conceito antropológico" de Roque de Barros Laraia (2009), a seguinte citação: "No final do século XVII e no princípio do seguinte, o termo germânico *kultur* era utilizado para simbolizar todos os aspectos espirituais de uma comunidade enquanto a palavra francesa *civilization* referia-se principalmente às realizações matérias de um povo. Ambos os termos foram sintetizados por Edward Tylor (1832-1917) no vocábulo inglês *culture*, que tomado em seu amplo sentido etnográfico é este todo complexo que inclui conhecimento, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade". Com esta definição, Tylor abrangia em uma só palavra todas as possibilidades de realização humana, além de marcar fortemente o caráter do aprendizado da cultura em oposição a ideia de aquisição inata, transmitida por mecanismos biológicos.

Por sua relação com o texto conceitual anteriormente citado, transcrevo o publicado na "Pequena Enciclopédia de Moral e Civismo" (ÁVILA, 1972): "Hoje vem se vulgarizando, contudo, uma distinção entre civilização e cultura, atribuindo-se o conceito de civilização ao conjunto de criações materiais e reservando-se o conceito de cultura ao conjunto de criações imateriais, como crenças, mitos, lendas, religiões, filosofias, sistemas jurídicos, enfim, todo o patrimônio de ideias de uma época ou de um povo".

Procurei partir neste meu trabalho de um pressuposto, qual seja, da produção cultural brasileira, quer erudita, quer popular. Principalmente desta última é possível se extrair elementos que venham a nos permitir desvendar a alma brasileira.

Por oportuno, entretanto, transcrevo uma citação do pensador e escritor argentino Ernesto Sabato: "nenhuma manifestação cultural da história é inteiramente original nem completamente autóctone", ou seja, provinda de um só povo. O que significa dizer que todo produto cultural é elaborado a partir das mais diversas influências. Com efeito, vários traços que identificam um caráter dito nacional, porque modelado com base em uma cultura nacional, "são comuns a maioria dos povos, independentes do contexto cultural e caracterizam os homens como seres universais a respeito dos quais não se pode dizer que tais traços sejam exclusivos do homem de um determinado país". (ESG, 1986).

Este último conceito, ao considerar o caráter modelado pela cultura, poderia nos levar a um questionamento do tipo: "quem vem primeiro, o

ovo ou a galinha?”. Ele nos remete a íntima relação existente entre cultura e caráter. O caráter, julgo, seria alimentado por ingredientes culturais. Como exemplo, é fato notório que uma das características marcantes da cultura alemã é “a obsessão pela ordem”. Daí seria decorrente ter o alemão um caráter extremamente disciplinado. Mas, o que gera a cultura? Cultura é criação do homem! Por sua vez, cultura é também comportamento. Penso que uma cultura é gerada por obra do homem até para pautar o comportamento da sociedade onde vive. São normas de conduta que quando estipuladas por homens primitivos tem, algumas vezes, por base bárbaros e equivocados fundamentos religiosos. Ressalto, entretanto, que mesmo na atualidade, regimes políticos totalitários têm levado uma nação quase por inteiro à barbárie. A história nos ensina muito a respeito. Lembro, a propósito, que uma das estratégias de dominação de um povo pela via psicológica associada ao uso da violência, e que foi posta em prática pelo nazismo, fundamenta-se na manipulação do imaginário popular e na subversão do mundo simbólico que o alimenta.

Felizmente, o que assistimos ao curso de um processo civilizatório alimentado pelas ideias dominantes nos dias de hoje é uma preocupação, cada vez maior, em eliminar costumes perversos e fundamentalistas e em exigir, também, cada vez mais respeito aos legítimos direitos do homem.

ARQUIPÉLAGO CULTURAL

Constituindo-se o Brasil em um país continental que alberga regiões naturais as mais distintas, seus habitantes, em parte, são culturalmente modelados por uma paisagem física que interfere expressivamente em todos os setores da atividade humana: usos, costumes, culinária, formas de expressão, tipo de ocupação etc. Tomando somente a indumentária como exemplo, o vaqueiro nordestino usa um vestuário de couro para protegê-lo da mata espinhenta da caatinga, enquanto o gaúcho tem no seu poncho a peça de sua vestimenta que lhe permite melhor resistir, no rigoroso inverno do sul, aos ventos frios dos pampas.

É de se ressaltar, entretanto, que mesmo em regiões que guardam certas semelhanças físicas, por razões geográficas, podemos vir a distinguir diferentes culturas. Somos assim levados a reconhecer que o fator geográfico não é suficiente para condicionar a cultura de um povo embora, neste sentido, sua influência em maior ou menos intensidade nos pareça inquestionável.

Com relação ao povo brasileiro, avulta a importância do papel desempenhado pelas correntes migratórias que deram início ao processo de colonização do Brasil. Processo que não ocorreu de modo a proporcionar uma distribuição homogênea em seu território, de contingentes populacionais, de origens étnicas e culturais as mais distintas.

A Nação é uma realidade cultural. O Estado é uma realidade política. Tomando-se como referencial um paralelo que passe aproximadamente ao norte da cidade

de São Paulo, pode-se considerar, de uma maneira geral, que os estados situados mais ao norte do citado paralelo abrigam, em maior número, contingentes populacionais resultantes da mistura étnica e cultural do branco português com o negro africano ou com o indígena. Assim como do indígena com o negro africano. Já as situadas ao sul do mencionado paralelo foram alvo de um processo de "branqueamento" étnicos e cultural por força do grande fluxo migratório ocorrido a partir da segunda metade do século XIX. Ressalte-se que o Estado Papal, o Vaticano, chegou, então, a criar uma ordem, a dos escalabrinos, para proporcionar assistência religiosa aos italianos que em levas cada vez mais numerosas estavam partindo para as Américas. Em suas dioceses espalhadas pelo sul do Brasil, mais do que assistência religiosa, esforçaram-se por preservar a cultura italiana. Fato semelhante ocorreu com os imigrantes alemães tendo como suporte a Igreja Luterana. A propósito, todos os povos que se instalaram no Brasil a partir deste fluxo migratório, oitocentista, manifestaram uma forte tendência no sentido da preservação de suas culturas nacionais. Os resquícios culturais desse processo migratório são visíveis até hoje.

No extremo sul do país, a região dos pampas na qual pontifica a figura do gaúcho constitui-se em uma espécie de enclave platino. Nele, a influência da cultura do Rio da Prata é bastante expressiva. Isto não diminui, em nada, o sentimento de orgulho do gaúcho em pertencer a um país chamado Brasil e de considerar-se, mesmo, ser o único brasileiro que o é, por livre opção, o que dá margem a uma reflexão. Mas, afinal, neste país continente, arquipélago

cultural, quem é mais brasileiro? O amazonense, o recifense, o baiano, o gaúcho, o copacabanense? Esperamos que no transcorrer deste ensaio possamos chegar a uma conclusão.

Na realidade, distinções culturais podem bem ser percebidas a partir mesmo do perímetro urbano de uma Região Metropolitana, uma vez que nela, os espaços residências são delimitados por força de um mercado imobiliário seletivo, de acordo com o poder aquisitivo de cada habitante, de cada classe social.

A propósito, é de Marilena Chauí (1994) a seguinte citação: "uma comunidade cria uma cultura para todos os seus membros, mas numa sociedade isso não é possível, e as classes sociais produzem culturas diferentes e mesmo antagônicas". Seria o caso de uma cidade como a do Rio de Janeiro que se por um lado possui uma Zona Sul predominantemente branca, rica, americanizada, influenciada pelo *jazz*, apreciadora da Bossa Nova, de usos, gostos e costumes que mais se identificam com os da classe média alta de Nova York, por outro, há um subúrbio pobre, mestiço, africanizado, fiel ao samba de raiz.

Convivendo com a exclusão e as desigualdades sociais, os grandes centros urbanos brasileiros em maior número debruçados sobre o litoral atlântico são mais sensíveis às influências culturais externas entre as quais avulta a da cultura popular norte-americana.

Uma cultura, durante o processo de sua construção por diferentes grupos sociais, em diferentes momentos históricos, está sempre submetida a influência de outras culturas, vindo a aceitá-las, pelo menos parcialmente, ou a rejeitá-las.

Ao caminharmos para o interior do Brasil, especialmente do Norte ou do Nordeste, vamos nos deparar com um meio rural pobre, roceiro, caipira, porém, provavelmente, mais brasileiro porque é mais resistente às influências externas. No pensamento de Euclides da Cunha, expresso no início do século passado, a força da cultura brasileira provinha muito mais do interior do Brasil do que do litoral.

Gilberto de Mello Kujawsky em seu trabalho "A personalidade regional paulista" (1985) assim se manifesta: "o indivíduo não é nunca diretamente nacional. Seu modo de pertinência a nação é sempre regional. [...] Assim como não se pode escapar ao impacto do caráter, espírito ou ethos nacional, o certo é que a forte identidade das regiões afirma a existência das diversas e diferenciadas personalidades regionais [...]. Defender a importância e o prestígio da região (como não se cansa de fazer Gilberto Freyre) não importa em nacionalismo ou em reacionarismo, mas em lúcida visão sociológica e antropológica".

Por oportuno transcrevo uma citação de Antônio Houaiss (1985) constante do seu trabalho sobre a carioquidade: "o caso é que os cariocas sentimos (ou supomos sentir) que algo não nos une em face dos outros. Mas é algo tão entranhado que, em lugar de sentirmos nossa carioquidade, sentimos primeiro a nossa vila-isabelidade, nossa tijucanidade, nossa grajaunensidade, gaveensidade, lemesidade, copacabanensidade, lebronensidade, em suma, nossa [...] sidade. Como qualquer fato cultural, ser carioca é ser unidade de diversidade".

LÍNGUA

Do livro "Cultura, um conceito antropológico" de autoria de Roque de Barros Laraia (2009) extraímos o seguinte conceito: "Mais explicitamente a linguagem humana é um produto da cultura, mas não existiria cultura se o homem não tivesse a possibilidade de desenvolver um sistema articulado de comunicação oral".

A forte associação da língua com a cultura foi defendida por Herder, filósofo prussiano, já na segunda metade do século XVII. Herder sustentava que o pensamento é essencialmente idêntico a fala e, por conseguinte, diferente de língua para língua e de país para país. [...] Portanto, "todo povo fala [...] de acordo com sua maneira de pensar e pensa de acordo com sua maneira de falar. Os pensamentos não podem ser transferidos de uma língua para outra porque todo pensamento depende da língua na qual foi formulado".

"Sob a ótica de Herder, a fala é pensamento. E se os povos falam diferentemente é porque eles pensam diferentemente. Cultura, pensamento e língua seriam constituídas a um só tempo. A fala (ou a língua) seria expressão do pensamento de uma cultura ou, de modo mais individualizado, no caso da fala de um sujeito particular, de um pensamento formado e vinculado a uma determinada cultura". (ANDRADE, 2012).

Quanto à língua portuguesa, reconhecida oficialmente pelo governo brasileiro, como língua nacional, selecionamos a seguinte citação de Lya Wyler (2003), constante do livro "Línguas, Poetas e Bacharéis, Uma Crônica da Tradução no Brasil": "Era em latim que

os portugueses cultos escreviam poemas, epístolas, sermões, mensagens diplomáticas, crônicas e relatos de viagem [...]. A primeira tentativa bem-sucedida de padronizar a língua portuguesa ocorreu em 1536, com a publicação de uma gramática fonética. Seguiu-se quatro anos mais tarde uma segunda, de autoria de João de Barros, que procurou enquadrar o português nas regras do latim. Essa obra, lançada em 1540, marcou em Portugal a adoção da gramática no ensino aos jovens da corte e o surgimento das primeiras cartilhas para o aprendizado da leitura. Contudo, o ensino da língua pátria nas escolas médias portuguesas, limitado a seis meses só iria se tornar obrigatório a partir do alvará pombalino de 1779".

Com relação às primeiras línguas faladas no Brasil é ainda de Wyler (2003) a seguinte citação: "Cremos, portanto, poder afirmar que desde o achamento do Brasil houve um extraordinário número de línguas em confronto, o que exigiu a presença de mediadores - os línguas, ou intérpretes – para que a comunicação pudesse efetivamente ocorrer. Indígenas, europeus e africanos, em sua quase totalidade, provinham de culturas dependentes da transmissão oral de conhecimentos, em alguns casos, por serem povos agravos ou simplesmente iletrados".

Como instrumento de comunicação oral entre os habitantes do Brasil Colônia, vem a surgir de forma algo improvisada e com expressiva contribuição dos Jesuítas, a "língua geral", mistura de tupi com português. A língua portuguesa permaneceu dominante no seio das elites e, possivelmente, nos centros urbanos litorâneos, acabando por ser impor como língua nacional. Para

tanto deve ter contribuído expressivamente uma numerosa corte lusitana que acompanhou D. João VI, quando de sua fuga de Portugal para o Rio de Janeiro, cidade que pouco depois transforma-se-ia na verdadeira capital do Reino Unido.

Ressalta-se, entretanto, que "a cultura francesa desenvolveu-se no Brasil com o ensino dos jesuítas e fortaleceu-se com as proibições de fundar universidades e de imprimir livros e papéis avulsos em solo brasileiro. Ampliou-se de tal forma que, na constituinte de 1824, o francês competiu com o português e o tupi pelo privilégio de ser escolhido Língua Nacional". (WYLER, 2003).

E quanto à linguagem popular? No dizer de Gilberto Freyre "quando Manuel Bandeira, em Evocação do Recife, falou em "Língua errada do povo, língua certa do povo", como poeta insigne – dos mais cultos que se tem exprimido em língua portuguesa que é – rende homenagens aos que na poesia, no teatro, na melhor prosa do Brasil tem tido sensibilidade às fontes populares de expressões mais viventes: as telúricas. As vindas da boca do povo. As impregnadas de sabedoria popular".

A propósito, são os seguintes os versos de Bandeira sobre os quais Gilberto Freyre teceu suas considerações: "A vida não me chegava pelos jornais nem pelos livros/ Vinha da boca do povo na língua errada do povo/ Língua certa do povo/ Porque ele é que fala gostoso o português do Brasil/ Ao passo que nós/ O que fazemos/ É macaquear/ A sintaxe lusíada".

Ainda a respeito deste assunto assim se manifesta Marcos Bagno (2003) em trecho do seu livro "a norma oculta": "Uma coisa que sempre surpreende as pessoas

que investigam a realidade linguística do Brasil é a grande diferença que existe entre a norma-padrão e o português brasileiro, isto é, entre o ideal de língua "certa", que vigora na mentalidade das classes sociais privilegiadas que têm acesso à cultura letrada, e a atividade linguística efetiva, empiricamente observada, falada e escrita, dos cidadãos brasileiros de qualquer ponto do país".

Muitas pessoas se iludem ao acreditar que a verdadeira diferença é outra, não entre a norma-padrão e o português brasileiro de modo geral, mas, entre as variedades prestigiadas e as variedades estigmatizadas. Muitos falantes "cultos" supõem que seu modo de falar está mais próximo da norma-padrão tradicional e que a língua dos "incultos" é que é cheia de solecismos, barbarismos, vícios e erros... É claro que essa suposição está impregnada de preconceito social e não se sustenta numa análise linguística mais acurada, porque as pesquisas científicas revelam que cada vez mais as variedades prestigiadas e as variedades estigmatizadas tendem a se nivelar, graças aos movimentos "de baixo para cima" (em que os falantes das variedades estigmatizadas procuram adquirir traços linguísticos das camadas sociais privilegiadas) e "de cima para baixo" (em que os falantes das variedades prestigiadas incorporam à sua atividade linguística formas não aceitas pela norma-padrão, mas já plenamente incorporadas da língua de todos os brasileiros)".

Uma forma de linguagem popular é a usada pelos repentistas nordestinos em seus desafios, alguns dos quais ganharam as páginas dos livretos de Cordel.

A respeito da Literatura de Cordel assim se manifesta José de Ribamar Lopes (1982): "Linguagem que conserva arcaísmos seiscentistas, aqui introduzidos pelos colonizadores lusos, ao lado de neologismos, modismos e formas de expressão regional as mais interessantes e até excêntricas".

Fato é que no Brasil de hoje, não obstante a língua portuguesa ser acometida de expressões regionalistas e entoada sob diversos sotaques, todos os brasileiros, de norte a sul, de leste a oeste deste país continente, comunicam-se perfeitamente através dela, o que a torna, certamente, um dos maiores fatores de unidade cultural

O BOI QUE CONVERSAVA
COM OS PASSAROS

CULTURA POPULAR

Considerações gerais

A cultura popular seria o conjunto de criações imateriais provindas do povo – ou seja, daquela camada mais pobre e menos instruída, ainda predominante na população brasileira – expresso através da música, do cordel (literatura, xilogravura, poesia), de "causos", da dança, de folguedos, de artesanato. Expressão artística, ainda que de forma considerada rudimentar, é expressão de ideias que coletivamente consideradas nos permitirão visualizar a identidade cultural de um determinado segmento populacional.

A cultura popular brasileira é muito rica e diversificada. Entre suas múltiplas manifestações poderíamos assinalar, entre outras:

- de origem negra: o maracatu de baque virado; a capoeira; a congada; o coco; o carimbó; o maculelê; o samba no qual predomina o batuque e a percussão; os ritos africanos com suas diversas denominações: xangô, candomblé, umbanda etc;

- de origem indígena: os caboclinhos; os caboclos de lança; as tribos carnavalescas;

- de origem ibérica: o romanceiro, ou seja, tanto a poesia popular tradicional como a improvisada, tipo desafio entre cantadores; a cavalhada, presente nas festas religiosas; o fandango e suas variantes; a marujada, a nau catarineta, que exploram a guerra entre cristãos e mouros; o reisado, grupos que festejam o natal e reis; também do ciclo natalino, o pastoril; a chegança; a chimarrita; as cirandas pernambucanas; as

inselências (cerimonial de velório); o bumba meu boi; de origem italiana: La ursa; o mamulengo, teatro de bonecos inspirado na comédia de arte italiana.

O artista popular é, normalmente, alguém de um nível mais elementar de instrução que não dispõe de maiores recursos materiais, extraídos quase sempre do ambiente natural onde vive, e utilizados para manifestar os seus sentimentos, do que pode resultar uma obra de certo primitivismo, expressa em uma linguagem mais de âmbito regional e, até por isto, mais accessível ao entendimento e ao gosto das camadas populares do seu meio social. Um exemplo de artista popular é o de Mestre Vitalino de Caruarú, Pernambuco, que modelava ele próprio, em barro, tipos humanos do seu ambiente social: cangaceiros, feirantes, beatos, bacamateiros, tocadores de pífano, alguns com um viés caricatural.

A cultura popular brasileira busca com frequência sua inspiração em seu rico e diversificado folclore o qual se manifesta através de cantos, danças e festejos. Conta com um mundo de personagens: Mateus, Diana Pastora, o Neguinho do Pastoreio, Catirina, o Saci-Pererê e muitas outras. O nosso encontro com ele se dá muito cedo, ainda no colo materno. São os acalantos ou canções de ninar de que são exemplos o Sapo-Cururú e o Boi da Cara Preta. Seguem-se, ainda na infância, as cantigas de roda: "Terezinha de Jesus"; o "Cravo Brigou com a Rosa" e "Nesta Rua tem um Bosque que se Chama Solidão".

Ao alfabetizar-se, é dado ao jovem a oportunidade de penetrar no mundo encantado de Monteiro Lobato, animado por brasileiríssimas personagens tais como: Narizinho, Emília, Dona Benta e Visconde de

Sabugosa. São as Catirinas, os Sapos Cururús, as Terezinhas de Jesus, as Donas Bentas que, agindo no nosso subconsciente, à medida que crescemos, vão modelando a nossa alma e a tornando, cada vez mais, brasileira. Tais considerações nos levam a inferir quanto à importância da cultura, especialmente a popular, para a formação da alma nacional e, por extensão, da nação brasileira.

Passaremos um olhar de relance sobre algumas manifestações da cultura popular brasileira que consideramos mais importantes.

Artesanato

Em terras onde hoje se situa o Brasil, o trabalho artesanal remonta ao período pré-colombiano. É a arte marajoara, indígena. Seus vasos em cerâmica provocaram, por sua beleza, forte impressão nos pesquisadores e etnólogos que os revelaram para o mundo.

O artesanato brasileiro, produzido a partir do barro, da cerâmica, da madeira, dos mais diversos tecidos, costuma ser exposto nas feiras populares.

As etapas do ciclo de vida tal como concebidas em suas comunidades são bastante exploradas nas produções artesanais.

É imensa a produção de nossos artistas artesanais, hoje estimulada pela indústria do turismo.

Música

O gênero popular não tem hora para ser construído. Exemplo disto é o samba carioca, gênero musical construído cerca de 400 anos após a descoberta do

Brasil que reconhece no maxixe, explorado por Donga e Sinhô, uma de suas vertentes criadoras. O maxixe, por sua vez, tinha em sua origem uma forte influência europeia, principalmente da polca-marcha, sendo interpretado por instrumentos de sopro pelas então denominadas "Jazz-bands". Por pressão nacionalista, o samba, então amaxixado, foi alvo de um processo de africanização no qual se excluiu para a sua execução qualquer instrumento que não estivesse identificado com a cultura dita nacional, entre os quais os de sopro. Somente os de percussão, mais primitivos, mais simples de serem confeccionados, adquiridos e interpretados pelas camadas populares que passaram a ser aceitos.

A arte popular vem a surgir normalmente como resposta a um apelo cultural, partido em determinado momento das camadas populares. É o caso do frevo pernambucano, gerado a partir dos dobrados e das polcas-marcha, interpretados pelas Bandas militares do 4° Batalhão de Artilharia e da Guarda Nacional (Bandas do "Quarto" e de "Espanha") em seus desfiles pelas ruas do Recife, ainda em meados do século XIX.

Acompanhadas pelos escravos, ditos Capoeiras de Angola, os passos destes, as suas evoluções, vieram a provocar um andamento mais rápido para a música, transformando-a inicialmente em marcha-frevo e, posteriormente, em frevo de rua, no compasso musical em que hoje é executado.

Sobre os capoeiras e a capoeira, assim se manifesta Luís da Câmara Cascudo (1972): "Capoeira: Jogo atlético de origem negra introduzido no Brasil pelos escravos bantos de Angola, defensivo e ofensivo,

espalhado pelo território e tradicional no Recife, cidade de Salvador e Rio de Janeiro [...]. Desde princípio foi reprimido pela polícia [...] tornando, nas festas populares, um perigo de vida assistir a passagem das bandas de música [...]".

Envolta em uma atmosfera abolicionista, surgiram os primeiros clubes carnavalescos compostos majoritariamente por negros e mulatos sob a forma de corporações profissionais: o Clube das Pás que congregava os carvoeiros do Recife, o Vassourinhas, os lixeiros, e assim por diante.

O frevo, nas suas expressões musical e coreográfica, reflete o espírito libertário do povo pernambucano. Sua dança nos remete a dois traços delineadores de caráter nacional: o Individualismo e a capacidade de improvisação.

Já a força da cultura popular rural brasileira é musicalmente projetada, em nosso entender, principalmente, por dois gêneros musicais: o forró e a música sertaneja. O forró mais autenticamente brasileiro; a música sertaneja, ainda que explorando temas nacionais, por vezes, influenciada pela música *country* norte-americana.

Um documentário cinematográfico produzido por um libanês que se estabeleceu no Recife na primeira metade do século passado nos apresenta o Capitão Virgulino, o Lampião, animando com o seu fole um baile no cangaço. Os passos dos casais que dançam enlaçados permitem ao espectador deduzir tratar-se de um forró, sob a forma de um xaxado.

O forró em suas variadas expressões musicais - xote, baião, xaxado - viajou para as grandes capitais

brasileiras do sudeste e do sul do país, juntamente com levas de nordestinos embarcados em "paus de arara", em busca de melhores oportunidades de trabalho, tornando-se, como gênero musical, a "Canção do Exílio" dos retirantes e, até mesmo, um patrimônio nacional, graças a atuação de Luiz Gonzaga, um pernambucano de Exú. São através dos admiráveis versos de Humberto Teixeira e Zé Dantas, seus mais importantes parceiros musicais, que Luiz Gonzaga celebra o nordeste; seus costumes: "tudo em vorta é só beleza/ céu de anil e a mata em flor/ mas Assum Preto cego dos olhos/ não vendo a luz canta de dor"; o drama da seca: "quando a lama virou pedra e o mandacaru secou [...] foi aí que eu vim embora carregando a minha dor"; a mulher: "gente que nunca dançou, Karolina/ neste dia foi dançar/ pra dançar contigo um xote/ e fungar no teu cangote".

Intérprete magistral da gente humilde do nordeste, de difícil convivência e adaptação a um ambiente natural, belo, ensolarado, porém hostil, Gonzagão vive até hoje intensamente no coração do povo brasileiro.

Quanto à música sertaneja, bastante explorada pela indústria cultural de massa, "Os filhos de Francisco", filme sobre a dupla sertaneja Zezé de Camargo e Luciano foi, nos últimos tempos, um dos campeões de bilheteria do cinema nacional.

A arte popular, frequentemente, ocorre sob a forma de uma mera recriação, espécie de adequação do já existente às exigências de um novo tempo. Outras vezes, entretanto, ocorre sob a forma mais transformadora da renovação que, por vezes, decorre da interferência no processo criativo de setores mais

elitizados da sociedade. Como exemplo, a Bossa Nova, responsabilizada por alguns críticos musicais pelo "embranquecimento do samba".

Literatura de Cordel

No campo da literatura popular é extremamente fecunda a produção cordelista. O "Aurélio" a define como "romanceiro popular" nordestino, em grande parte contido em folhetos pobremente impressos e expostos à venda pendurados em cordel, nas feiras e mercados".

Seus temas, decorrentes da tradição popular, possuem, em grande número, uma amplitude universal e ligam a sociedade sertaneja ao mundo europeu e até mesmo árabe, através da bacia do mediterrâneo.

Tipos humanos, do ambiente rural nordestino, são muito bem caracterizados pelos autores cordelistas. Somente sobre Lampião, o rei do cangaço, mais de 150 folhetos recordam suas proezas, e sua morte não estancou a inspiração dos autores cordelistas, uma vez que, até os dias de hoje, folhetos continuam surgindo, abordando o fim de Lampião.

Artes plásticas

No campo das artes plásticas, do artesanato, foi citado no início do presente capítulo o trabalho de Mestre Vitalino de Caruarú. Cabe-me ressaltar agora a importância das gravuras que ilustram as capas dos folhetos de Cordel, impressas com o uso de madeiras leves e denominadas de xilogravuras, com o intuito de despertar a curiosidade daqueles que transitam pelas feiras nordestinas, em torno do tema cordelista, o qual

é sinalizado por um título que se superpõe a referida gravura e com ela se associa.

Alguns críticos de arte do país consideram a xilogravura a maior contribuição que o nordeste ofereceu à cultura popular brasileira.

Modernamente, muitas gravuras têm sido impressas a partir de matrizes de borracha vulcanizada as quais se dá o nome de linogravuras.

Sétima arte

Conforme nos adverte José Ribamar Lopes (1982) em sua antologia da Literatura de Cordel: "Há, entretanto, um tipo de influência da xilogravura sobre a chamada arte de elite, que até bem pouco era de total desconhecimento público. Revelações recentes do cineasta Vladimir Carvalho (País de São Saruê; Pedra da Riqueza; A Bolandeira; Incelência para um Trem de Ferro; O Homem de Areia, entre outros filmes) surpreenderam os intelectuais nativos ao denunciar a influência da xilogravura nordestina sobre a fotografia dos mais importantes filmes realizados na década de 1970: Vidas Secas (Nelson Pereira dos Santos); Barravento e Deus e o Diabo na Terra do Sol (Glauber Rocha) e Ganga Zumba (Carlos Diegues).

Dentro dessa linha cinematográfica, o jornal "O Globo", edição de 30 de junho de 2012, publicou o artigo intitulado de "Um Cordel animado à Luz do Sertão" de autoria de Rodrigo Fonseca. A matéria versa sobre Chico Liberato, ex-diretor do Museu de Arte Moderna da Bahia, que acaba de concluir um desenho animado "sobre cangaceiros, beatos e demônios mitológicos" batizado de "Ritos de Passagem". O filme "aborda a viagem de

dois homens, réplicas de Lampião e Antônio Conselheiro, ao Mar da Morte, assombrados pelo diabo".

Ainda no campo da imagem, a cultura popular brasileira, especialmente a de origem nordestina, costuma ser explorada em telenovelas de inquestionável riqueza técnica, produzidas, em sua maioria, pela Rede Globo de Televisão, que gozaram de imensa audiência. Exemplo disto foram as novelas "Pavão Misterioso"; "Roque Santeiro"; "O Bem Amado"; "O Cordel Encantado", entre outras.

Costumes

Outros elementos presentes na cultura popular são definidores da identidade, componente do caráter nacional. Segundo Nei Lopes (*apud* ELIAS, 2005), "a roupa é um traço de identificação, a fala é um traço de identificação e a culinária também". Com relação a esta última, que tem na feijoada o prato mais nacional e mais popular, Carmem Miranda nos diz, através dos versos de Ary Barroso, que "no Tabuleiro da Baiana tem vatapá, caruru, manguzá [...]", iguarias preparadas com ingredientes afro-baianos e indígenas. Cosme Elias (2005) se refere aos critérios identitários de umas das mais conhecidas canções interpretadas por Carmem Miranda, "Disseram que eu voltei americanizada", de Vicente Paiva e Luiz Peixoto, que "se apresentam com bastante veemência em sua interpretação, quando a canção se encerra de forma enfática, citando a culinária: Enquanto houver Brasil/ Na hora das comidas/ Eu sou do camarão ensopadinho com chuchu". (O Samba do Irajá e de outros subúrbios).

Com relação à indumentária, Dorival Caymmi

nos descreve os trajes da baiana, de origem norte-sudanesa, de áreas imediatamente ao sul do Saara e de forte influência mulçumana, a começar pelo turbante. Isto através do samba "O que é que a baiana tem". São os seguintes alguns dos seus versos: "tem dorso de seda tem/tem brilho de ouro tem/corrente de ouro tem/tem pano da costa tem/tem bata arrendada tem/pulseira de ouro tem/tem saia engomada tem/sandália enfeitada tem [...]".

Caricatura

Tendo como precursor, ainda no Império, Angelo Agostini (CARDOSO; AGOSTINI, 2002) e suas personagens Nhô Quim e Zé Caipóra e tendo como pólo irradiador o Rio de Janeiro, a caricatura veio efetivamente a florescer no início do século XX, nas páginas das publicações recém-criadas: Revista da Semana; O Málho; Kosmos; O Tico Tico; Fon Fon e Careta. A Revista Arte no Brasil, número 47, da Abril Cultural, ao se referir aos caricaturistas daquele início de século, assim se manifesta: "ao contrário dos caricaturistas do império, não se dedicam fundamentalmente a charge política; seu tema é o Rio de Janeiro em todos os seus aspectos, dos círculos elegantes, que inspiram a J. Carlos a Melindrosa e o Almofadinha, aos personagens populares em desaparecimento na cidade que se moderniza e que Raul fixará para sempre nas Cenas da Vida Carioca.

Na ilustração infantil o grande marco de referência foi o lançamento do Tico Tico. Ao longo de mais de quatro décadas sucedem-se, em suas páginas, as criações dos caricaturistas: Lamparina; Goiaba; Jujuba

e Carrapicho; de J. Carlos; Zé Macaco e Faustina, do gaúcho Storni; [...] entre 1925 e 1930 aparece Pirolito, de Fritz e, nos anos 1930, Luiz Sá desenha seus bonecos Reco Reco, Bolão e Azeitona.

Com o correr dos tempos, novas personagens foram sendo incorporadas ao mundo das publicações infantis, tais como: A Turma da Mônica, de Mauricio de Sousa e O Menino Maluquinho, de Ziraldo.

Segundo Turilli (2012), com relação à charge, caricatura de caráter humorístico nascida na Europa, parece ter sido criada aos moldes do humor brasileiro. Com forte tendência crítica, as charges sempre fizeram refletir, sobretudo, a vida política.

Em 1837, foi publicada a primeira charge no Brasil, e a autoria é do pintor e poeta Manuel de Araujo Porto Alegre (1806-1879). Essa primeira charge tratava de uma sátira ao jornalista Justiniano José da Rocha, que denunciava as propinas recebidas por um funcionário do governo ligado ao Correio Oficial.

No início de suas publicações, as charges eram publicadas e vendidas avulsas. Compravam-nas em lojas e livrarias. Foi em 1844 que a primeira revista começou publicá-las regularmente. Essa revista é a "Lanterna Mágica". Mais tarde, outras revistas que surgiram e se consagraram foram a "Semana Ilustrada"; "Vida Fluminense"; "O mosquito"; "Comédia Social"; "O mequetrefe" e "Don Quixote".

No início do século XX, a impressa brasileira, então já configurada nos moldes empresariais, vê surgir a figura do jornalista que se autodenominou Barão de Itararé. Ele, com sua irreverência, ajudou popularizar as charges.

Foi na década de 1970, entretanto, durante o regime militar, que alguns entre os principais nomes da charge do Brasil surgiram. São eles: Ziraldo; Jaguar; Millôr Fernandes; Lan; Chico Caruso e Henfil. Segundo Luis Fernando Veríssimo, paradoxalmente nesses anos é que o Brasil experimentou seu maior momento de criatividade no mundo das charges. (Disponível em: filtrandoarede.blogspot.com.br).

Religiosidade

E quanto à espiritualidade presente na cultura popular? Do seu rico universo mítico fazem parte assombrações, almas penadas e mulas sem cabeça. Ascenso Ferreira, poeta pernambucano, ao relatar em versos a viagem do "Trem de Alagoas", tendo por destino a Usina Catende, assim nos adverte quanto aos perigos existentes à beira do caminho de ferro: "ali mora o pai da mata, ali é a casa dos caiporas". Segundo Padre João Daniel, missionário no Amazonas, o caipora seria o diabo disfarçado em figura de homem.

A crendice popular, seja de origem ibérica, africana, ou de inspiração ameríndia, passa por um sincretismo religioso que tem por base a miscigenação étnica e cultural presente no processo de colonização do povo brasileiro.

Alguns santos da Igreja Católica gozam de especial devoção popular. São Jorge, Santa Bárbara e São Sebastião têm seus correspondentes nos orixás dos ritos africanos, podendo ser, respectivamente, dependendo da região do Brasil: Ogum, Iasã e Oxossi. Orixá é o nome que se dá às divindades da religião Iorubana. A propósito, são numerosos os "santeiros"

no Brasil, ou seja, artistas populares que se dedicam a esculpir imagens de santos.

Desvanecido o espírito da inquisição, secularmente fomentado pela Igreja Católica, mães de santo e sacerdotisas do culto jeje-nagô, na Bahia, antes rejeitadas socialmente, ganharam a partir de um passado recente tal respeitabilidade que passaram a ser procuradas por renomados intelectuais, poetas, escritores, e até lideranças políticas, em busca de suas bênçãos e proteção. O autor deste ensaio teve a oportunidade e, porque não dizer, o privilégio, de ter sido recebido por Mãe Menininha do Gantois que lhe disse "ser filho de Oxossi, gozando de sua proteção". Oxossi é o orixá da caça e dos caçadores. É que o misticismo no Brasil não respeita classes nem categorias sociais.

Também de grande devoção popular são os santos do ciclo junino, com destaque para Santo Antônio, o casamenteiro, tradição de origem ibérica.

Digna de realce é a devoção ao Padre Cícero Romão Batista. Anualmente, milhares de romeiros se dirigem à Juazeiro do Norte, Ceará, para render homenagens à "Meu padinho Padre Cícero". Outras romarias que merecem ser ressaltadas são as de: Nossa Senhora da Aparecida, padroeira do Brasil e a do Círio de Nazaré, em Belém do Pará.

Outras expressões

Cabe-nos uma referência ao Jogo do Bicho que, segundo Câmara Cascudo (1972), "é o jogo diário de milhões de brasileiros, vício dominador, irresistível e soberano". Criado pelo Barão de Drummond que "fizera

pintar vinte e cinco animais, e cada tarde um quadro subia mostrando o bicho vitorioso".

Finalmente, uma menção ao futebol, esporte imensamente popular no Brasil. O brasileiro considera a sua seleção de futebol a melhor do mundo. O futebol tornou-se poderoso fator de integração nacional. A cada gol marcado pela seleção brasileira, o povo responde com uma retumbante explosão de alegria. Por esta enorme devoção futebolística demonstrada pelo brasileiro, Nelson Rodrigues, jornalista e dramaturgo, considerava a seleção brasileira de futebol uma "Pátria de chuteiras". O mesmo Nelson Rodrigues que disse ter o brasileiro um "complexo de vira-lata", ou seja, uma espécie de baixa autoestima.

O Brasil não é só terra, território, corpo que pode ser dilacerado e espoliado em seus recursos naturais. O Brasil é, antes de tudo, um maravilhoso mundo mítico e espiritual, o que assegura a sua eternidade.

Considerações Gerais

Segundo conceituação do "Aurélio", o caráter é "o conjunto de traços particulares, o modo de ser de um indivíduo ou de um grupo, índole, natureza, temperamento". Seriam, então, componentes do caráter: a identidade (conjunto de traços particulares); o comportamento (modo de ser de um indivíduo ou de um grupo) e o temperamento.

A identidade seria configurada pelos traços plasmadores da nacionalidade; o comportamento seria a parte mais dinâmica do caráter; o temperamento, o seu lado mais emotivo.

A cultura popular brasileira, rica e diversificada, nos dá prova da imensa criatividade de nossa gente. Algumas de suas manifestações como o repente nordestino e a payada gaúcha, heranças ibéricas, tornam evidente a capacidade de improvisação do povo brasileiro.

Música

É por meio da música, entretanto, que um povo manifesta suas alegrias e suas tristezas. São as reações emocionais do caráter, ou seja, o seu temperamento, o que mais transparece na música. Seus versos, quando cantada, o que é uma constante no gênero popular, permitem-nos identificar a que povo ou grupo social se associam. Ao ouvirmos um samba o associamos ao elemento negro, às classes populares e às favelas.

Um dos exemplos de uma intensa associação da música popular com a identidade de um povo nos vem da Argentina pela forte e amplamente reconhecida contribuição do tango para a formação da personalidade

platina.

Vejamos o que podemos retirar da relação entre a música popular e o caráter do povo brasileiro. Comecemos pelo fado, por ser gênero musical de um dos povos formadores de nossa nacionalidade, canção popular portuguesa, de forte influência mourisca, triste, fatalista. Não será o fado um reflexo da alma portuguesa? E, se assim for, não seria válido admitir-se que o lado melancólico, nostálgico de nosso temperamento provém do português. Povo navegador que em suas aventuras transoceânicas revelou parte de um novo mundo, fez-se sempre acompanhar pela saudade.

E quanto às etnias negras que vieram para o Brasil? O que a música nos ensina a respeito? Que praticamente todos os gêneros musicais populares nos quais o negro exerceu algum tipo de influência, seja o maxixe, o frevo ou o samba, têm a marca da alegria, o sentido da festa. Recorro, neste sentido, a Cosme Elias (2005), autor de um admirável estudo sobre a obra de Nei Lopes, intitulado "O Samba de Irajá e de outros subúrbios", abrindo aspas para Zé Keti: "Eu sou o samba/ a voz do morro sou eu mesmo sim senhor/ [...] sou eu que levo a alegria para milhões de corações brasileiros" e que, ao concluir, ainda reafirma ser "o samba, esta melodia de um país feliz". E não é só a alegria! Ao se intitular a voz do morro, o samba se apresenta como veículo de afirmação de uma classe excluída, pobre, mestiça, que habita os subúrbios e os morros do Rio de Janeiro. E se o samba se impôs como gênero popular dominante no cenário musical brasileiro é porque nossas raízes africanas soaram

mais alto. E, também, mais alegres, não obstante todas as adversidades enfrentadas pelos nossos afro-descendentes.

Literatura

O caráter nacional costuma também ser alvo de apreciação no campo literário. Escrito por Ariano Suassuna, autor de elevado grau de erudição, mas, cujas criações são inspiradas na cultura popular, especialmente, nos folhetos da literatura de Cordel, "O Auto da Compadecida" tem suas personagens julgadas por um Cristo Negro. Uma das principais, João Grilo, ardilosa, esperta e mentirosa, mesmo assim é perdoada pela intercessão da Virgem Maria. Ponderou-se que sua astúcia se por ventura foi mal usada, o foi como instrumento de sobrevivência a um ambiente físico e socialmente hostil. Não se encontraria aí uma explicação para o tal "jeitinho brasileiro"? Uma forma, por vezes desconsiderando a ética de alguém amoldar-se a uma realidade que se apresenta adversa? A propósito, Francisco Oliveira, sociólogo pernambucano, ao ser inquirido no programa "Roda Viva" da TV Cultura, considerou ser o jeitinho brasileiro uma criação das elites dominantes, como forma de burlar a lei. A lei que passaria a prevalecer, penso eu, seria a famosa "Lei de Gerson" pela qual alguém procura levar vantagem em tudo, a revelia de princípios éticos. Heróis com desvios de caráter, que usam como arma a esperteza, são encontrados amiúde na literatura e nos versos das canções populares brasileiras: Pedro Malazarte, de origem Ibérica; Macunaíma, com uma conotação erótica; no samba, o malandro carioca. Wilson Batista,

em seu famoso desafio com Noel Rosa, assim retrata o malandro carioca em trecho de um samba de sua autoria: "eu ando sozinho/ provoco e desafio/ eu tenho orgulho de ser tão vadio. Assis Valente também nos traça um interessante perfil do malandro carioca: "levava um canivete no cinto e um pandeiro na mão/ e sorria quando o povo dizia sossega leão, sossega leão/ [...] De fantasia de Antonieta vai dançar na Bola Preta até o sol raiar".

Digno de menção são também os versos dos chamados "sambas de breque" dos quais Moreira da Silva é considerado o maior interprete: "que você bateu em minha nêga/ isto não é direito/ bater numa mulher que não é sua" (porque se fosse a dele podia) ou "cheio de malicia deu trabalho pra policia pra cachorro/ dei até no dono do morro" (lei do mais forte). O dono do morro nos faz refletir sobre os malefícios sociais e políticos decorrentes de uma das muitas formas de autoritarismo ainda infelizmente presentes na sociedade brasileira, por vezes, com indesejáveis reflexos políticos

Não só nos versos das canções populares, mas, também, em nossa literatura a "boa preguiça" é frequentemente exaltada.

Personagens de pouco rigor ético abundantes em nossa cultura popular, descritas quase sempre de uma forma jocosa, costumam contar com a nossa benevolência, e até simpatia.

Cordel

Na literatura popular de Cordel, ciclo do encantamento, encontramos terras maravilhosas, povoadas por reis, duendes, princesas, fadas e

feiticeiras, onde não existe miséria, fome, nem enfermidades e os reis governam com bondade, sabedoria e justiça. Eis que grande parte da população brasileira, especialmente a do meio rural, carente de um melhor nível de instrução, em uma atitude coletiva tipicamente "Sebastianista" ainda sonha com um "Pai dos Pobres", um "Salvador da Pátria", um "Rei do Cordel". Ótica salvacionista de certa forma referendada pela obra poética de Suassuna, perpassada por uma mitologia popular sertaneja em grande parte inspirada no Cordel. Sobre ela, vejamos como Carlos Newton Junior se manifesta: "A poesia de Suassuna encontra-se impregnada, aqui, de uma visão religiosa do homem e do mundo, balizada, a um só tempo, por um catolicismo não ortodoxo e por um Sebastianismo aparentemente extemporâneo e realçada, ainda por cima, com elementos extraídos da rica mitologia sertaneja [...]. Enquanto aguarda por um reino ideal, síntese do passado, presente e futuro, o Reino de Deus e da Justiça do Sonhado, Suassuna cria outros reinos aqui mesmo na terra – no sertão, no Recife, no nordeste [...]. É o que ocorre aliás, nos folhetos de Cordel: as fazendas são quase sempre reinos, os fazendeiros são reis, duques ou barões, enquanto suas filhas são princesas, e os vaqueiros e cangaceiros são quase sempre os cavaleiros que incursionam por esses reinos sertanejos, disputando belas mulheres e vestidos de armaduras de couro".

Criado pelo poeta popular piauiense Firmino Teixeira do Amaral como tema cordelista a "Peleja do Cego Aderaldo com Zé Pretinho" explora o preconceito. Preconceito de cor e com relação ao cego. O preconceito,

em suas variadas matizes, infelizmente, ainda faz parte da cultura brasileira. A propósito, Leandro Gomes de Barros, considerado pioneiro do Cordel no Brasil, dentro de uma linha que explora a sexualidade no folheto "As cousas mudadas" assim se manifesta: "Hoje se vê uma moça/ ninguém sabe se é rapaz/ anda com calça e chapéu/ pouca diferença faz/ vê-se até calça de velhos/ com braguilhas para trás". Ranço de um conservadorismo que, no campo da sexualidade, ainda persiste na cultura popular brasileira. "Olha a cabeleira do Zezé! Corta o cabelo dele!" Ao será que ele é da marchinha carnavalesca os foliões respondem em coro: Bicha! Ainda de uma forma pejorativa.

Outra forma de preconceito é a que ainda persiste em algumas das regiões do Brasil em relação ao nordestino, o "Paraíba".

A Literatura de Cordel, através de sua antologia, nos permite distinguir traços delineadores do caráter nacional partidos, bem verdade, de uma visão regionalista: a valentia, o fatalismo, a irreverência, a fanfarronice e o misticismo.

Artes Plásticas

Também através das artes plásticas o caráter nacional costuma ser pesquisado. Emílio Ellena (1997), chileno, especializado em arte latino-americana, através do livro "Quatro gravadores populares do nordeste do Brasil: J. Borges, José Costa Leite, Dila, Mestre Noza" faz constar a seguinte citação da artista plástica Janete Costa: "Apesar da pobreza, dos sofrimentos que marcam as vidas cotidianas de nossos artistas populares, eles são os que retratam

as nossas identidades. Com sua rica imaginação eles expressam nosso mundo e nos dão a possibilidade de construir nesse processo, uma linguagem, uma forma, uma imagem de nós mesmos, genuína, que define o caráter nacional".

Digna também de realce é a contribuição da chamada *"Art Naif"* para a cultura popular brasileira. De pintores ditos primitivos de que são exemplos Heitor dos Prazeres e Djanira.

Também pintores de formação acadêmica, tais como os modernistas Di Cavalcanti e Portinari, entre outros, preocuparam-se em expressar por suas telas temas populares, com tipos humanos que bem caracterizam a identidade nacional.

Caricatura

No livro "As Aventuras de Nhô Quim e Zé Caipora", pesquisa, organização e introdução do Professor Athos Eichler Cardoso (CARDOSO; AGOSTINI, 2002), consta a seguinte citação do Senador Lucio Alcantara: "Narrativas extremamente populares na sua época, Nhô Quim e Zé Caipora estão eivados de brasilidade, já que retratam com grande realismo os aspectos humanos e geográficos da nossa terra ao ponto de Herman Lima, grande estudioso da caricatura brasileira, ter comparado Agostini ao pintor Rugendas".

É também do mencionado livro, a seguinte citação de Jean Paul Crespelle: "dentro de mil anos os sociólogos não disporão de fontes mais seguras para estudarem os costumes e as ideias de nossa época, do que as histórias em quadrinhos. Estas são, ao mesmo tempo, o reflexo e o prolongamento de nossa civilização".

As personagens de nossas histórias em quadrinhos não possuem o caráter belicoso e salvacionista, nem agem em nome do direito, da liberdade ou da justiça como algumas das personagens de outros países. Elas nos remetem mais ao cômico do que ao heroico. Costumam reagir com inteligência e humor e não com violência às situações adversas que venham a ter que enfrentar e a superar.

Quanto aos cartunistas que historicamente tiveram suas charges em destaque nas páginas das principais revistas e periódicos, suas personagens não só permitem revelar costumes como também o ambiente político imperante em determinada época.

Os cartunistas brasileiros são reconhecidos como uma equipe talentosa, de elevado senso crítico, dentre os melhores do mundo.

Por se tratar de um fato em evidência, nos dias de hoje, digna de realce é a história em quadrinhos sobre o "mensalão", criação de Angeli.

Atualmente, o espírito do "politicamente correto", parece inibir, de certa forma, a produção cartunista.

Movimento Armorial

Cabe-nos agora fazer uma referência ao Movimento Armorial que segundo o seu inspirador Ariano Suassuna "pretende realizar uma arte brasileira, a partir das raízes populares de nossa cultura", uma vez que nesse movimento o caráter nacional é também alvo de apreciação.

Do trabalho "O Grande Teatro do Mundo" de Lígia Maria Pondé Vassalo, extraímos o seguinte texto: "os personagens de Suassuna retratam a gama de

pobres coitados viventes do sertão em toda sua variedade (cangaceiros, beatos, retirantes, cantadores, mentirosos, valentões, sedutores etc.) com destaques para os que têm ligações com as histórias dos folhetos de Cordel, como os astuciosos João Grilo e seu duplo Chicó bem como Cancão, derivado do famoso e terrível Cancão de Fogo, todos mais ou menos aparentados com o Pedro Malazarte".

Visão regionalista

O caráter brasileiro a partir de uma perspectiva regional está sempre sendo alvo de algum tipo de apreciação. Vejamos como Antônio Houaiss (1985), ao se manifestar sobre o ser carioca, por um jogo de contratações, nos dá ideia do que também é ser mineiro, paulista, gaúcho, baiano, capixaba e pernambucano: "Há quase consenso entre nós em realçar certo tipo de oponenciação do nosso em face dos outros: carioca não é ser sonso – como diz do mineiro; não é ser vantagista – como se crê o gaúcho; não é ser dinheirista – como se assegura ser o paulista; não é ser dengoso – malemolente – como se idealiza o baiano; não é ser irredentista como se afirma do pernambucano; não é ser, em suma [...] provinciano, vai, se tanto, até suburbano".

Ora, a recíproca busca ser verdadeira e acontece que cada "outro" olha diversificadamente para o carioca: o mineiro o vê como algo parlapatão e trapalhão – não se esquece do bonde vendido; o paulista, o pinta – folgado, nulifaciente, sexualmente aceso (mas, de boca para fora), em um balneário em que não se labore, se não para o prazer, degustado de preferência pelos

próprios paulistas – os do dinheiro; o gaucho o vê com a nostalgia de quem amarrou o cavalo no obelisco: incaracterístico e superficial [...]; os capixabas, mais serenos, o vêem com piedosa simpatia, por serem tão contentáveis; os nordestinos nos vêem - no geral – como salváveis, pois abrasileirisaveis".

Conforme nos ensina Gilberto Freyre, "interpretado tanto pelos que o observam de fora como os que o vêem de dentro, o caráter nacional brasileiro parece caracterizar-se pelo equilíbrio de uma grande variedade de características: entre o litoral e o interior, o idealismo e o realismo, o moderno e o tradicional, o misticismo e o sensualismo, o apolíneo e o dianosiaco".

Ressalte-se, ao termino deste capítulo, que os traços configuradores do caráter nacional são agentes potencias de ações socialmente positivas ou socialmente negativas. Daí resulta que bem interpretá-lo, seus defeitos, suas virtudes, mesmo se configurado a partir de diferentes visões regionalistas, é tarefa fundamental para que se possam nele promover mudanças, visando aprimorá-lo, partidas elas do setor público ou mesmo do setor privado.

GLOBALIZAÇÃO

Vejamos como o caráter de um povo poderá vir a ser afetado pelos efeitos da globalização.

Do pensamento crítico de Sérgio Rouanet (1993), formulado ainda do fim do século XX, a propósito do que denominou "A Crise da Modernidade", selecionamos o seguinte texto: "O universalismo entre nós é sistematicamente repudiado por um nacionalismo cultural que parecer ter sete fôlegos. Mal uma de suas variantes desaparece outra toma o seu lugar. Foi assim que o nativismo setecentista foi substituído pelo indigenismo romântico, este pelo naturalismo de Silvio Romero, este pelo jacobinismo florianista, este pelo movimento modernista, este pelo nacional – autoritarismo do Estado Novo, este pelo ISEB, este pelo CPC da UNE, este pelo chauvinismo do regime militar e este pela broa do milho. "Se existe tema consensual no Brasil é certamente o que temos de desenvolver nossa própria cultura e rejeitar modelos culturais estrangeiros". A modernidade, projeto civilizatório de cunho iluminista, teria um caráter universalista.

Fato é que a modernidade ou quem sabe, seus desvios, havia consagrado as culturas nacionais. Distintas culturas em um mesmo território eram unificadas por meio de um longo processo que tinha como proposta a diminuição ou mesmo supressão das diferenças culturais entre elas existentes. Esta unificação se daria em torno de uma das culturas, reconhecida como hegemônica, que em razão disto se imporia sobre as demais. Prevaleceria como fator unificador um sentimento comum de orgulho pátrio, de pertencimento

a família da nação, fortalecido pela pratica continuada do civismo.

O avanço tecnológico e sua contribuição para um mundo globalizado parecem, porém, ter atenuado, pelo menos aqui no Brasil, os efeitos deste histórico ranço nacionalista referido por Rouanet (1993). Com efeito, vivemos atualmente em um mundo também culturalmente globalizado. As informações provindas dos locais mais distantes de onde habitamos chegam até nós de forma repentina, imediata. Somos uma "Aldeia Global". A indústria cultural de massa passou a ser uma das mais rentáveis. Os produtos culturais constam da pauta de exportação dos países mais desenvolvidos entre os de maior valor comercial, equiparados mesmos aos das indústrias aeroespacial e armamentista. A cultura popular norte-americana já há muito tempo é a mais influente do mundo.

Roque de Barros Laraia (2009), no livro "Cultura, um conceito antropológico", assim se manifesta: "Não resta dúvida que grande parte dos padrões culturais de um dado sistema não foram criados por um processo autóctone, foram copiados de outros sistemas culturais. A esses empréstimos culturais a antropologia denomina difusão. Os antropólogos estão convencidos de que sem a difusão não seria possível o grande desenvolvimento atual da humanidade". Difusão que passou a ser largamente praticada a partir dos anos 1970 em decorrência do que hoje chamamos de globalização.

Não podemos olvidar, entretanto, que o início da escalada de uma miscigenação étnica e cultural ocorreu nos séculos XV e XVI da Idade Moderna através das conquistas marítimas e territoriais partidas da Europa,

as quais se seguiram o tráfico negreiro e outras práticas colonialistas.

Anthony Mc Grew assim conceitua a globalização, conforme citação constante da obra de Stuart Hall (2011) intitulada de "A identidade cultural na pós-modernidade": "A globalização se refere àqueles processos, atuantes numa escala global, que atravessam fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de espaço – tempo, tornando o mundo, em realidade e em experiência, mais interconectado".

Ainda do trabalho de Stuart Hall (2011) selecionamos o seguinte texto: "Lembremos que a globalização não é um fenômeno recente: a modernidade é inerentemente globalizante" (GIDDENS, 1990 *apud* HALL, 2011) . Como argumentou David Held (1992), os estados-nação nunca foram tão autônomos ou soberanos quanto pretendiam [...]. Assim, tanto a tendência à autonomia nacional quanto a tendência a globalização estão profundamente enraizados na modernidade (WALLESTEIN, 1991)".

Devemos ter em mente essas duas tendências contraditórias presentes no interior da globalização. Entretanto, geralmente se concorda que, desde os anos 1970, tanto o alcance quanto o ritmo da integração global aumentaram enormemente acelerando os fluxos e os laços entre as nações.

Até quanto se constituiria em algo positivo reagir aos efeitos da globalização? Stuart Hall (2011) aponta três possíveis consequências da globalização cultural:

- As identidades nacionais estão se desintegrando,

como resultado do crescimento da homogeneização cultural e do pós-moderno global.

- As identidades nacionais e outras identidades locais ou particularistas estão sendo reforçadas pela resistência à globalização.

- As identidades nacionais estão em declínio, mas, novas identidades, híbridas, estão tomando o seu lugar.

Resumindo, os efeitos da globalização, por vezes contraditórios, seriam os de submissão ou conformismo, de resistência, ou de composição.

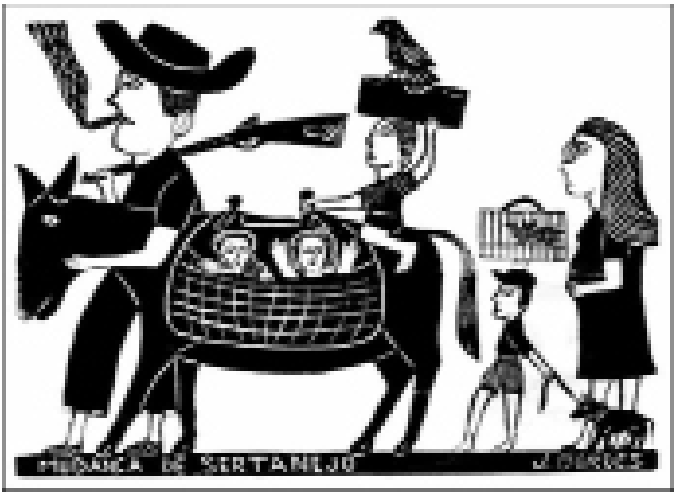
O esforço para preservação da identidade, componente do caráter nacional, seria, pois, uma forma de resistência à globalização. Mas, esta seria uma atitude salutar em face do processo civilizatório? Penso que a cultura de um povo, por ser dinâmica, ao evoluir, deve fazê-lo de acordo com as suas mais caras tradições, mas, que, também, neste processo usos e costumes considerados preconceituosos ou antissociais possam vir a serem depurados, abolidos.

O que vemos no mundo de hoje? Em oposição às ideias universalistas dominantes, indutoras de um processo globalizante, também econômico e político, a história recente do mundo vem sendo marcada pela fragmentação de países como as antigas União Soviética e Yugoslávia. São nações procurando recuperar suas identidades em toda a sua plenitude. Em outros países, o poder do Estado tem se mostrado suficiente para impedir movimentos separatistas que perduram, neste sentido, até os dias de hoje.

Por outro lado, governos de países, alvos de migrações externas, oriundas de países mais pobres e, por vezes, de culturas extremamente diferenciadas, manifestam grande preocupação quanto aos efeitos que estes imigrantes venham a produzir em termos de identidade nacional.

Mundo globalizado, de integração econômica e política, de que o maior exemplo é a União Europeia, parece ser, entretanto, fato notório que os estados-nação temem perder suas identidades culturais por reconhecerem nelas o seu mais rico patrimônio.

Nesse contexto globalizado, avulta a importância da valorização de uma cultura local, especialmente a popular, como poderoso instrumento de afirmação da identidade nacional.



MOÇA ROUBADA
J. BORGES

MÍDIA

Grandes transformações culturais de âmbito universal ocorreram em época recente influenciando fortemente o comportamento humano, componente do caráter de um povo. Qual terá sido, neste sentido, a contribuição da mídia? E os seus reflexos no Brasil?

Entre as instituições midiáticas interessa-nos, sobretudo, a emissora de TV da rede comercial por ser um meio de comunicação de massa, de enorme poder de penetração e também de persuasão dependendo da natureza do público receptor e, ainda, pela dificuldade de controle de sua programação pelo Estado, quando operando em um ambiente democrático como é desejável.

A influência da mídia televisiva no comportamento humano varia de acordo com fatores, tais como: idade, sexo, meio social, condições de emprego e nível de educação. O povo brasileiro, em razão principalmente de suas deficiências educacionais, encontra-se extremamente vulnerável aos estímulos da mídia.

Segundo o sociólogo Octávio Ianni, "a opinião pública brasileira é formada, em uma parte importante, pela televisão, sobrepujando igrejas e confissões, universidades e congressos, movimentos sociais e partidos políticos".

Apoiada pelas imagens veiculadas pela mídia se desenvolve a cultura do consumo. Anúncios, propagandas de produtos, muitos deles supérfluos, e programas que engendram ambientes e estilos de vida absolutamente inacessíveis à maioria da população fazem parte do nosso cotidiano. Servem eles para

desencadear um processo pelo qual o individuo é levado a considerar que somente através da acumulação de bens materiais atingirá um nível de conforto e de bem-estar compatível com as suas expectativas, agora exacerbadas pela mídia, e adquirirá respeito social. "Eu valho pelo que eu tenho e não pelo que eu sou".

Por outro lado, a ruptura com determinados valores de natureza ética, religiosa, transcendental, que faziam parte da chamada moral burguesa, o que ocorreu aproximadamente a partir dos anos 1960, época do advento da pílula anticoncepcional, inspirou novas formas de comportamentos antissociais, amplamente alimentados pela mídia.

Herbert Marcuse, filósofo e figura de destaque da Escola de Frankfurt, crítico intransigente da cultura e da civilização burguesa torna-se para a juventude uma espécie de guru de uma nova era. Tendo como pano de fundo a Guerra do Vietnã, o Festival de Woodstock foi, então, transformado no santuário do Movimento Hippie. "É proibido proibir"! Gozava-se da sedução do contra. Contra os poderes constituídos, contra a cultura dominante.

Uma nova cultura pela qual os sentidos deveriam ser privilegiados com o máximo de satisfação possível, seja pela droga, seja pelo sexo, seja pelo rock'n roll, seja de outra forma qualquer, passaria a ser propagada intensamente pela mídia. O desprezo a qualquer tipo de compromisso ou de responsabilidade social passaria a ser exaltado como manifestação de liberdade pessoal plena. Segundo Gilberto Dupas: "restaram as formas contemporâneas de individualismo privilegiando o individuo, valor supremo que aliena o coletivo".

E, assim, surge a cultura do permissivismo, em que nada constrange, tudo é permitido, que rapidamente atraiu grande número de adeptos, levando, de imediato, a indústria midiática a investir e a faturar sobre essa nova onda cultural, realimentando-a.

Se por um lado, na área comportamental, atuação da mídia está sujeita a críticas como as formuladas anteriormente, por outro, no que concerne à conservação da identidade nacional vem desempenhando um relevante e positivo papel. Assim sendo, uma visão, ainda que panorâmica, da atuação da mídia nacional em prol da cultura popular brasileira se faz pertinente.

Na era do rádio não foram poucas as emissoras, estatais ou privadas, que se empenharam em divulgar a música popular brasileira (MPB), com destaque para a Rádio Nacional do Rio de Janeiro. Grandes intérpretes de nossa música popular foram revelados por aquela emissora. Grandes compositores também.

É de se salientar que, no campo musical, a MPB sofre forte concorrência da música popular norte-americana.

Com o advento da televisão, uma linha de programação que desperte um interesse do grande público é, por motivos óbvios, a procurada. No Brasil, para se buscar audiência em uma população cuja maioria ainda não atingiu um desejável nível de instrução, torna-se necessário recorrer a uma linguagem televisiva condizente e, consequentemente, popular, para a promoção de uma cultura também popular. Reserva-se para os canais de aluguel, a cabo, uma programação mais elitizada.

Não só os canais de televisão da rede pública, que se dizem educativas, mas também os da rede privada vêm promovendo a cultura brasileira. Minisséries procuram resgatar obras de nossos melhores escritores. Telenovelas abordam com frequência e apurado bom gosto temas nacionais. Programas educativos abordando o ensino de primeiro e segundo graus, orientações em termos de saúde, cidadania e consciência ecológica são, também, comuns.

Uma menção especial aos festivais de canções promovidos por duas das mais importantes emissoras de TV, a partir da segunda metade dos anos 1960 quando uma nova geração de inspirados compositores da MPB foi revelada.

Ressalta-se, entretanto, no campo da imagem, a inquestionável e larga supremacia da produção cinematográfica norte-americana, manifestada através de filmes exibidos não só nas salas dos cinemas, mas também nos canais de televisão.

Quanto à imprensa escrita, esta, historicamente, sempre abriu espaço para assuntos relacionados à cultura brasileira, quer erudita, quer popular.

Penso que as profundas mudanças comportamentais ocorridas não abalaram os alicerces da identidade nacional brasileira. Penso, também, que é a partir de um processo de desconstrução de sua cultura que um povo perde a sua identidade.

A história nos revela: as culturas dos povos ameríndios foram fortemente afetadas por um processo de colonização, impostos pelos portugueses e espanhóis, do qual uma das maiores preocupações seria a da "conversão dos gentios". Hoje, o neocolonialismo

dispensa conquistas territoriais. A mídia, especialmente a eletrônica, é o novo e grande instrumento de colonização.

No Brasil, principalmente nas zonas ricas das grandes metrópoles, a cultura popular norte-americana já é a preponderante. Seus habitantes, aos se deixarem fascinar pelas "coisas" de outro país, no caso os Estados Unidos da América, tornam-se, no meu entender, menos brasileiros de coração. Ouso mesmo afirmar que o individuo é tanto mais brasileiro quanto melhor se relacione com as "coisas do Brasil", com a sua cultura, especialmente a popular.

Finalmente, uma menção à Internet, surgida em época relativamente recente e destinada a ser um dos meios mais democráticos de comunicação social. À medida que se dissemina o seu uso, seus efeitos em todos os setores da atividade humana para o bem ou para o mal da humanidade serão cada vez maiores. A propósito, segundo o filósofo francês Frédéric Gros: "a internet não é nem a salvação da democracia, ao introduzir na cena política mecanismos de participação direta dos cidadãos, nem o veículo de um totalitarismo apoiado em manipulação de programas e informações "a la 1984, de Orwell". O que a emergência das novas tecnologias de comunicação apresenta é um desafio aos conceitos clássicos de representatividade:

- O papel do parlamento como representante exclusivo e imprescindível da vontade popular foi ferido pela internet, e a democracia representativa terá de se reinventar.

EPÍLOGO

"A primeira tentativa de classificar os povos ou nações segundo suas características raciais ou identidades nacionais remonta à famosa Geografia de Estrabão (58ac – 25dc). Apoiado em Polibio e Possidônio, o Pai das ciências geográficas fala nos livros III e VI de sua obra, do que chamaríamos hoje de ethos dos povos que habitavam a Ibéria, a Gália, e a Itália" (FREIRE *et al*, 1985).

Modernamente, após a Segunda Grande Guerra, surge uma instituição francesa dedicada à sociologia econômica e à psicologia dos povos que publica trimestralmente, desde 1946, a *Revue de Psychologie des Peuples* (Revista de Psicologia dos Povos), depois intitulada *Ethnopsychologie* (Etnopsicologia), importante subsídio para o estudo do caráter nacional.

Por força da natureza da colonização a que fomos submetidos, atingimos o século XX como herdeiros de um projeto civilizatório de base iluminista e de caráter universalista. Historicamente, entretanto, o que prevaleceu até uma época recente foi uma visão nacionalista de rejeição aos modelos culturais estrangeiros. O processo globalizante nos parece, porém, que tende a atenuar resistências à superação de barreiras étnicas, sociais e religiosas, interpostas nos campos do preconceito e da discriminação. Processo globalizante que é fortemente impulsionado pelos modernos meios de comunicação social. Alimentadas pela mídia, grandes transformações comportamentais ocorreram, em âmbito universal, a partir dos anos

1960. Mudanças comportamentais que se não abalaram os alicerces da identidade nacional foi porque a cultura popular brasileira funcionou como importante instrumento de resistência.

Neste ensaio nos propomos a ressaltar a importância da contribuição de nossa cultura popular, fusão de elementos culturais provenientes do português, do negro africano, do indígena e, mais recentemente, do imigrante, europeu ou asiático, para configuração do caráter nacional. Cultura popular fortemente inspirada em um folclore que nas palavras de Manuel Diegues Júnior (1980) "é de base essencialmente lusitana: contos, adivinhas, estórias, romanceiros, danças dramáticas, mamulengos, festejos de Natal, de Ano Bom ou de Reis, e de São João, lendas, crenças, tradições, cantigas. O indígena e o negro evidentemente dosaram essa formação, e às vezes contribuíram com seus ritmos, seus cantos, suas músicas, suas danças; mas, a parte fundamental de nosso folclore é, sem dúvida, lusitana, embora possamos hoje apresentá-lo intensamente mestiçado. Um produto não só de mestiçagem, mas igualmente de transculturação".

Quando o Brasil teria começado a mostrar a sua cara? Possivelmente por meio de Domingos Caldas Barbosa, mulato, seresteiro, poeta, que encantou Lisboa, então a capital do reino, ainda no século XVIII e que sempre falando da sua terra, o Brasil, ia sutilmente inserindo no subconsciente da metrópole a ideia de um Brasil diferente, melhor, mais divertido, mais doce.

O caráter nacional foi durante muito tempo com ênfase no período em que vigorou o romantismo literário, objeto de simples exaltação. O índio era o

símbolo da pureza nacional. Tal posicionamento que parece tentar ocultar os traços socialmente negativos do caráter nacional não nos parece construtivo nem saudável. Uma vez identificados os traços delineadores do caráter do povo brasileiro, será preciso uma vigorosa ação institucional, por meio de um salutar processo educacional, para corrigi-lo ou aprimorá-lo.

A cultura popular, fonte permanente de inspiração para o imaginário deste rico e imenso mundo mítico chamado Brasil, continua sendo um dos mais fortes instrumentos de preservação da identidade brasileira, componente matriz do caráter nacional. Para tanto, a dinâmica da cultura brasileira que se manifesta a cada instante por atos de recriação, de recodificação, de reinvenção do imaterial, deve caminhar em absoluta sintonia com as nossas mais caras tradições, ou seja, àquelas que poderão vir a contribuir positivamente para o processo civilizatório e não as marcadas pela discriminação, pelo preconceito ou pela ausência da ética.

Vimos, neste ensaio, como a cultura popular nos permite revelar traços delineadores do perfil identitário do brasileiro: o individualismo; a criatividade; a adaptabilidade; a prática do "jeitinho brasileiro"; o preconceito; "o complexo de vira-lata"; a fanfarronice; o fatalismo; o misticismo; a solidariedade; a irreverência; a cordialidade; o "sebastianismo"; a capacidade de improvisação e um temperamento emotivo, quase sempre alegre, comunicativo, mas, por vezes, nostálgico. Como vemos, nem todos os traços definidores do caráter nacional são motivo de orgulho para o povo brasileiro.

A propósito, alguns desses traços sobressaem mais em determinadas regiões do país e quase não são visíveis em outras. Comparando-se uns com os outros, por vezes se apresentam contraditórios. Estão, entretanto, em estado latente em cada indivíduo e vão aflorar em uns e outros, de forma predominante conforme as circunstâncias.

Uma canção popular, versos de Vicente Paiva, nos sugere que "ter dentro do peito o amor do Brasil" seria o requisito indispensável para alguém se sentir verdadeiramente brasileiro, independente do seu caráter.

No meu entender, não é o caráter que faz o homem se sentir brasileiro, ainda que as especificidades dos seus erros e virtudes, o seu jeito de ser e de falar nos permitam reconhecer nele um brasileiro.

O ser brasileiro é possuir um forte sentimento de amor pelas "coisas do Brasil" e por sua gente, do que resulta uma amistosa forma de convivência entre os habitantes do Brasil, das mais diferentes origens étnicas e culturais, repleta de calor humano. O exemplo do gaúcho é bastante sugestivo. Sujeito à influência da cultura do Rio da Prata, o sul-rio-grandense, habitante dos pampas, sente orgulho em ser brasileiro. É este orgulho pátrio que o faz aproximar-se com admiração e afeto das "coisas do Brasil" que se encontram além de seus horizontes pampeiros.

Sobre o que é ser brasileiro, optei, ao dar como concluído este ensaio, por uma citação constante a respeito, de uma publicação do Museu de Folclore Edison Carneiro:

"Mas, afinal, o que é o brasileiro?

O mito das três raças – índios, negros e brancos – é pouco para falar sobre um povo e sua capacidade de misturar ou fazer conviverem, com diferenças e hierarquias, muitas tradições culturais.

Na terra que cultiva o doce, na festa que colore as roupas, nos tachos que atiçam a fome, nos cantos que celebram a vida e lamentam a morte, na fé que ora leva ao terreiro de candomblé, ora à igreja, os brasileiros se encontram e se diferenciam, se igualam e se distinguem.

Das nações indígenas que aqui vivem de longa data, das muitas Áfricas para cá trazidas, de portugueses, alemães, turcos, libaneses, italianos, japoneses e muitos outros que também chegaram em épocas diversas e por motivos vários, se faz a expressão ímpar de um povo plural".

DAVI-TEIXEIRA

BIBLIOGRAFIA

ARTE NO BRASIL. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

ANDRADE, Daniela Rolim. *Tradução, transformação e autoria: direito autoral e os estudos da tradução*. Dissertação de Mestrado. PUC-Rio, 2012.

ANDRADE, Frederico José Bergamo. *A Comunicação Social e o Fenômeno da Violência*. Caderno de Estudos do CEBRES, 2004.

_____. A Cultura Popular e o Caráter Nacional. *Revista Aeronáutica*, n. 272, 2010, p. 14.

ÁVILA, Fernando Bastos de. *Pequena enciclopédia de moral e civismo*. Rio de Janeiro: MEC, FENAME, 1972.

BAGNO, Marcos. *A Norma Culta* – Língua & Poder na Sociedade Brasileira. São Paulo: Parábola, 2003.

BANDEIRA, Manuel. *Antologia poética*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.

CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA. Número 10. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2000.

CARDOSO, Athos Eichler, AGOSTINI, Angelo. *As aventuras de Nhô Quim e Zé Caipora* – os primeiros quadrinhos brasileiros – 1869-1883. Brasília: Senado Federal, 2002.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. Brasília: Instituto nacional do livro, 1972.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ática, 1994.

DIEGUES JUNIOR, Manuel. *Etnias e Culturas no Brasil*. Rio de Janeiro : Biblioteca do Exército, 1980.
ELLENA, Emilio (Coord.). Quatro Gravadores Populares do Nordeste do Brasil, 1997.
ELIAS, Cosme. *O samba de Irajá e de outros subúrbios:* Um estudo da obra de Nei Lopes. Rio de Janeiro: Pallas, 2005.

ESG. Escola Superior de Guerra. *Manual Básico*. Rio de Janeiro: ESG, 1986.

FREYRE, Gilberto *et al*. *Caráter Nacional Brasileiro:* Unidade Nacional na Diversidade Regional. *Ciência & Trópico*, v. 13, n. 1. Recife, FUNDAJ/Massangana, 1985.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade.* Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HOUAISS, Antônio. Sobre a carioquidade. *Ciência & trópico*, v. 13, n.1, jan/jun, 1985, pp.99-110.

KUJAWSKI, Gilberto de Mello. A personalidade regional paulista. *In: Ciência & Trópico*, v. 13, n. 1. Recife, FUNDAJ/Massangana, 1985.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura:* um conceito

antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

LOPES, José de Ribamar. *Literatura de cordel:* antologia. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil S.A, 1982.

ROUANET, Sérgio Paulo. *Mal Estar na Modernidade*. São Paulo:Companhia das Letras, 1993.

SOUTO MAIOR, Mario; VALENTE, Waldemar. *Antologia Pernambucana do Folclore*. Recife: Massangana, 1988.

WYLER, Lia. *Línguas, Poetas e Bacharéis* – uma crônica da tradução no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.